

CMP J. 2. 4. 84

Pianista alemã vê erro grave na interpretação da música clássica

DIVULGAÇÃO

EDMILSON SIQUEIRA

A pianista, professora e escritora alemã Grete Wehmeyer anda pelo mundo colecionando inimigos com sua tese: para ela, a maneira de se lidar hoje com a música clássica está errada. Obras de compositores como Haydn, Mozart, Beethoven, Schumann, Chopin e Liszt são tocadas com o dobro da velocidade. E as de Bach com o triplo. Grete esteve em Campinas, na última quinta-feira para duas atividades relacionadas com a polêmica tese: uma palestra na Unicamp e um debate na Livraria Papyrus, onde também autografou seu livro *Prestíssimo: A Redescoberta da Lentidão na Música*, ainda no original alemão, já que não foi produzida uma tradução para o português.

Para defender sua tese, Grete pesquisa há oito anos os andamentos musicais, partindo de um trabalho feito pelo holandês Willem Fletze Falzma que levantou a questão. Para fortalecer sua tese, Grete buscou na correspondência de Mozart, críticas a uma apresentação de uma obra sua, numa carta escrita a seu pai em 1778. Na carta, diz Mozart: "...em frente à mesa ele tocou meu concerto Prima Vista com desleixo. A primeira peça foi prestíssimo. O andante allegro e o rondo até prestíssimo... Os olhos não podem ver e as mãos não podem pegar. O que é isso?" Segundo Grete Wehmeyer, Mozart teria dito, na mesma ocasião, que "tocar piano assim e cagar é a mesma coisa".

Entre os argumentos usados por Grete está a invenção do metrônomo, em 1814. Através desse aparelho é possível uma medição precisa dos andamentos e, segundo a pesquisadora, "esse tempo não seria dado por cada toque do aparelho, mas sim por dois toques, considerando a ida e a volta do pêndulo". Para referendar a afirmação, Grete diz que, antes do metrônomo, o aparelho que marcava os compassos tinha também um pêndulo que batia num pequeno sino. Mas apenas um sino, colocado de um dos lados para os quais o pê-

dulo oscilava. Já o metrônomo emite duas batidas, uma cada um dos lados, o que é o dobro do aparelho anterior.

Além desse argumento técnico, Grete vai buscar na concepção das obras, mais material para sua tese. Uma obra de Chopin, escrita em Paris à época em que a Polônia (terra do compositor) estava sendo invadida pelos russos é mostrada por Grete ao piano, do modo como a tocam hoje, rápida. Depois, dividida pela metade, a obra adquire um caráter e uma interpretação, que, segundo a pesquisadora, têm muito mais a ver com a possível inspiração do autor. "Chopin não escreveu uma trilha sonora para uma batalha. Ele estava preocupado com seus familiares na Polônia, com seus amigos. Se tocarmos mais lentamente, a obra se transforma numa balada e não numa peça 'virtuosa'. Afinal, a gente toca pela cabeça e não pelas mãos".

Outro exemplo: Grete coloca no aparelho de som a ópera *D. Giovanni*, de Mozart, uma gravação como se ouve hoje em qualquer concerto. A música é rápida e, segundo a autora, não combina de jeito nenhum com o que diz a letra. Depois apresenta, um pouco triunfante, o que ela conseguiu durante as comemorações do 2º centenário de Mozart em Colônia: a mesma ópera apresentada no andamento que ela julga ser o correto. A música se transforma e fica realmente muito mais agradável aos ouvidos. Por fim, Grete se senta ao piano mais uma vez, desta vez para apresentar o primeiro movimento de uma sonata de Beethoven (Opus 53) que, no seu início, retrata o amanhecer. Tocada no andamento convencional, Grete diz que mais parece o estouro de uma manada de búfalos. No andamento dividido pela metade, surge realmente a sensação correta de uma dia amanhecendo, com o canto do rouxinol retratado como deve ser. Conclusão: a tese de Grete Wehmeyer pode ser polêmica, pode não conseguir muitos adeptos já, mas se trata, sem sombra de dúvida, de algo a ser, no mínimo, levado muito a sério.



A pianista e escritora alemã Grete Wehmeyer: erro no andamento

Rapidez é marca da época

O ritmo que a sociedade industrial impôs ao mundo, também é, segundo Grete Wehmeyer, um dos motivos que levam hoje, a música ser tocada num andamento mais rápido. "No fim do século passado, os trens na Europa já atingiam velocidades de 100 quilômetros por hora. A produção em linha, com o advento da industrialização, por volta dos anos 40 do século passado, contribuiu para que tudo ganhasse um novo ritmo. Os próprios músicos passaram a ser ensinados como se a virtuosidade e a rapidez na execução de uma obra fossem a mesma coisa. As horas

de trabalho numa indústria, oito, dez, doze, até catorze ou mais no início, passaram a ser encaradas como o tempo que o músico teria que se dedicar aos seus estudos, exigindo dele mais e mais exercícios. Tudo isso levou a uma concepção virtuosística equivocada. Ou seja, a sociedade europeia levou o pensamento industrial para a arte, um pensamento que tinha na velocidade um de seus fundamentos". Por isso tudo, Grete considera que devemos repensar a música clássica e tocá-la do modo que, ela tem certeza, seus autores a conceberam.

"Correio Popular" 15-XI-1992